

mente — é o regresso a essa paz, uterina ou mesmo pré-cósmica, aos momentos fundacionais (o parto, o *big bang*) em que, por um milésimo de segundo, o silêncio (o nada) não se distingue do ruído (a existência, o eu).

A propósito de um poema de Carlos de Oliveira, pergunta e responde Cabral Martins: «É a estética do silêncio *versus* estética do grito? Na verdade, as definições escolásticas tremem quando entra em cena a poesia» (36). Coexistência, uma vez mais, portanto. (Na música, ouça-se o número considerável de artistas que abrigam sob um mesmo tecto a impetuosidade cacofónica de algum *free jazz*, à maneira, por exemplo, do Art Ensemble of Chicago de *Certain Blacks* (1970), e a estética *near silence* de alguma música improvisada, à la Wade Matthews, para citar apenas um nome.)

Ou seja: ao contrário do que acontece na política do quotidiano, na política da alma não temos de escolher entre um passado que nunca existiu, um futuro que nunca existirá e um presente de aparência, por vezes, meramente tecnocrática, mas nem por isso, de modo algum, inofensivo — na alma, dizíamos, há a possibilidade de um alhures que é aqui, de uma imaterialidade que nos tacteia por dentro, de um tempo que é, simultaneamente, outro e agora.

Talvez seja essa a única estratégia possível para fugir à tentação de, como diz a epígrafe de Carlos de Oliveira, «esmagar o coração».

Um pequeno protesto final: note-se que, porventura em prol da visualização das ilustrações, as páginas deste livro não estão numeradas, apesar de ser possível numerar apenas as de texto, tanto mais que, aqui, em caso algum imagens e texto se encontram na mesma página.

Miguel Martins

NOTAS

[O Autor segue a antiga ortografia]

- ¹ Lawrence Durrell, *Reflections on a Marine Venus*, Londres, Faber & Faber, 1953, p. 107.
- ² *Apud* Terry Eagleton, *Humour*, New Haven/Londres, Yale University Press, 2019, p. 130.
- ³ *Mystery Tales of Edgar Allan Poe*, Nova Iorque, A. L. Burt Company, 1907, p. 106-128.
- ⁴ Cf. Carlos de Oliveira, *Trabalho Poético* [1976], Lisboa, Círculo de Leitores, 2001, p. 241.

Patrícia Martinho Ferreira ÓRFÃOS DO IMPÉRIO

HERANÇAS COLONIAIS NA LITERATURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais / 2021

Em *How to Read Literature*, Terry Eagleton escreve acerca dos órfãos como personagens: «as deprived, often despised figures, they have to make their way in the world alone [...]. Orphans are likely to feel vulnerable and hard done by, which can then serve as a symbolic comment on society as a whole. [...] Orphans are anomalous figures, half in and half out of the families that take them in. They exist at an angle to their circumstances. The orphan is *de trop*, out of place, the joker in the domestic pack»¹. Em *Órfãos do Império*, dissertação apresentada na Brown University sob orientação de Leonor Simas-Almeida, o conceito de órfão assume, porém, um sentido que, conquanto tendo pontes que o ligam a este, se torna, histórica e sociologicamente, muito mais amplo: «O presente estudo analisa a representação do órfão na literatura portuguesa contemporânea, que revisita criticamente o fim do colonialismo português em África e as consequências da descolonização no tecido social português em termos de renegociação identitária» (17).

Esse «processo de desterritorialização e reterritorialização [...] individual e colectivo» (18), como se lhe referiu Margarida

Calafate Ribeiro, implicou um «desmoroamento de construções identitárias» (18). Apesar de genericamente «bem-sucedida» (19), a integração em Portugal da maioria das 500 mil a 800 mil pessoas que, entre 1974 e 1979, saíram das ex-colónias (algumas rumaram a outras paragens) não obsteu à persistência, nalguns sectores, de uma nostalgia face a um «paraíso perdido» (20), manifestada em autores assumidamente excluídos da análise de Ferreira, precisamente devido a essa postura, como sejam Teresa Pizarro, Manuel Arouca ou Júlio Magalhães: «Repete-se, nestes livros, o tom paternalista, os estereótipos em relação aos africanos e a visão acrítica sobre o colonialismo português em África. Arrisco mesmo afirmar que estes livros são um produto da superficialidade da elite política e social que retratam» (72). Esse fenómeno é o que justifica a sobrevivência daquilo a que se chama «mercado da saudade», na sua vertente especificamente ligada às ex-colónias (livros ilustrados, vídeos com imagens de arquivo, compilações de música popular).

Encontramo-nos, pois, em presença de uma oposição entre dois processos descritos por Dominick LaCapra: «O primeiro, *acting out*, prende-se com a repetição, em particular com a tendência para se repetir algo compulsivamente e, quase sempre, num estado de melancolia interminável. O segundo, *working through*, descreve a atitude de distância crítica face às circunstâncias traumáticas, obrigando à distinção entre passado, presente e futuro» (157).

Este *working through* está ligado à definição de identidade proposta por Onésimo Teotónio de Almeida: «termo dinâmico, prospectivo, actuante, voltado para o futuro, com o intuito de congrega, reunir comunidades em torno de ideais colectivos por ser essa a única maneira de conseguir sair do *status quo*, o estado de mera conservação e repetição do passado,

e de se alterar mesmo o suposto 'carácter nacional', ou modo de estar tradicional de uma colectividade» (27).

Do outro lado desta verdadeira barricada ideológica, encontra-se, por exemplo, a postura do poeta António Manuel Couto Viana, que, no poema *Mocidade Portuguesa*, editado autonomamente em cartaz, com desenho de Almada, por ocasião do 1.º de Dezembro de 1976, após exaltar o espírito paramilitar da instituição e conceitos como «ideal», «heroísmo», «grandeza», «ímpeto», «ardor», «certeza», «fé» e «missão», conclui com o verso «Quando já nada for verdade», o qual indicia que, mais importante do que acreditar, é acreditar em acreditar, ou seja, a referida fé como um valor em si, independentemente da substância daquilo em que se crê.

Neste contexto, o órfão, ainda que metafórico, como o «judeu errante» (32), chega mesmo a funcionar como «bode expiatório» (32) face à crise da família (no caso, o império) e do que ela representa — segundo Laura Peters, «legitimidade, raça e pertença nacional» (33). Diz Ferreira: «As narrativas sobre orfandade analisadas por Peters expõem ansiedades de pertença e estrangeiridade relacionadas com a casa, a classe, a identidade nacional e, por extensão, com a dimensão imperial» (35).

Contudo, por este motivo, órfão é, também, segundo Viviana Plotnik, um «espaço em branco» (34), podendo, de acordo com William David Floyd, «ser visto à luz do conceito de *tabula rasa*» (34). O que nos leva de volta à referida obra de Eagleton, quando este diz, a propósito dos órfãos, que «they have to make their way in the world alone», falando de «efforts to haul themselves up by their bootstraps»². O que pode ser relacionado com os «casos de sucesso decorrentes do espírito de iniciativa» (128) dos «retornados» das ex-colónias (termo que, por razões prá-

ticas, passou por abarcar os nascidos em África), não nos devendo, porém, fazer esquecer que houve, igualmente, muitas «experiências negativas: morte, suicídio, prostituição e consumo de drogas» (128).

À disseminação do termo «retornados» não será alheia a existência de um organismo do Estado, que funcionou de 1975 a 1979, e de que muitos se recordarão, denominado IARN — Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais (92). Em França, por exemplo, chamou-se *repatriés* aos chegados da Indochina em finais da década de 1950 e *piéds-noirs* aos vindos da Argélia no início da década seguinte (86), aplicando-se este último termo, igualmente, aos regressados dos territórios marroquinos e tunisinos sob administração francesa.

Ora, é com base nestes conceitos que *Órfãos do Império* aborda, em profundidade, obras de onze autores de diferentes gerações (para além de outras, de modo mais superficial): António Lobo Antunes, Lídia Jorge, Carlos Vale Ferraz — pseudónimo de Carlos de Matos Gomes, militar e historiador —, Eduardo Bettencourt Pinto, Margarida Paredes, Dulce Maria Cardoso, Isabela Figueiredo, Paulo Bandeira Faria, Aida Gomes, Sandro William Junqueira e Djaimilia Pereira de Almeida. Em todas elas se detecta a referida condição de orfandade, de «desamparo» (30) ou de «falta simbólica» (30); para usar a formulação de Sheila Khan, de uma maneira ou de outra, estamos perante «órfãos desse grande progenitor que foi o colonialismo português» (40).

Sendo certa a impossibilidade da completude, é claro que outras obras teriam igual cabimento neste estudo; a título de exemplo, *Tristes Trópicos* (Porto, Campo das Letras, 2003) do dramaturgo Guilherme Mendonça, nascido em Moçambique, em cuja contracapa se lê: «*Tristes Trópicos* segue o percurso de um jovem à desco-

berta da sua identidade. Uma viagem de regresso ao seio de uma família de retornados; a procura da reconciliação com o passado colonial prova ser impossível e tem como resultado um crime de morte.»

Contra a «ideia da amnésia e do silêncio» (29), a abordagem literária, conforme o prova esta obra, revela-se da maior importância; como escreveu Daniel Oliveira, «são os escritores os primeiros a quebrar o silêncio. Já fora assim com a guerra colonial — Lobo Antunes, Assis Pacheco, João de Melo ou Lídia Jorge —, assim voltou a ser, recentemente, com a história desta imensa massa de portugueses» (30). Relativamente à guerra, permitam-me uma menção final ao excelente e muito esquecido romance de Álamo Oliveira *Até hoje (Memória de Cão)* (Lisboa, Ulmeiro, 1986), um dos primeiros a, corajosamente, abordar essa temática, bem como a homossexualidade nesse contexto.

Miguel Martins

NOTAS

[O Autor segue a antiga ortografia.]

- ¹ Terry Eagleton, *How to Read Literature*, New Haven/Londres, Yale University Press, 2013, p. 167-168.
- ² *Ibid.*, p. 167.

João Pedro Cachopo A TORÇÃO DOS SENTIDOS PANDEMIA E REMEDIAÇÃO DIGITAL

Lisboa. Documenta / 2020

Desde o início da pandemia — e sobretudo nos primeiros meses do confinamento — publicaram-se inúmeros textos, de géneros literários e conteúdos diversos, uns mais filosóficos do que outros, nos quais se procurou interpretar, reagir e reflectir sobre a crise que enfrentávamos. A maior parte desses textos — que em